

Sarney confessa decepção com Plano Cruzado II

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney confessou-se ontem decepcionado com as consequências do Plano Cruzado II, afirmando que não sabia que os aumentos de preços autorizados no final do ano afetariam também "a vida dos mais pobres". A revelação foi feita aos 14 líderes sindicais com os quais se reuniu ontem na Granja do Torto. Sarney mostrou-se disposto a reabrir as conversações para negociar o Pacto Social e garantiu que, se

isso ocorrer, os representantes dos trabalhadores participarão da política econômica.

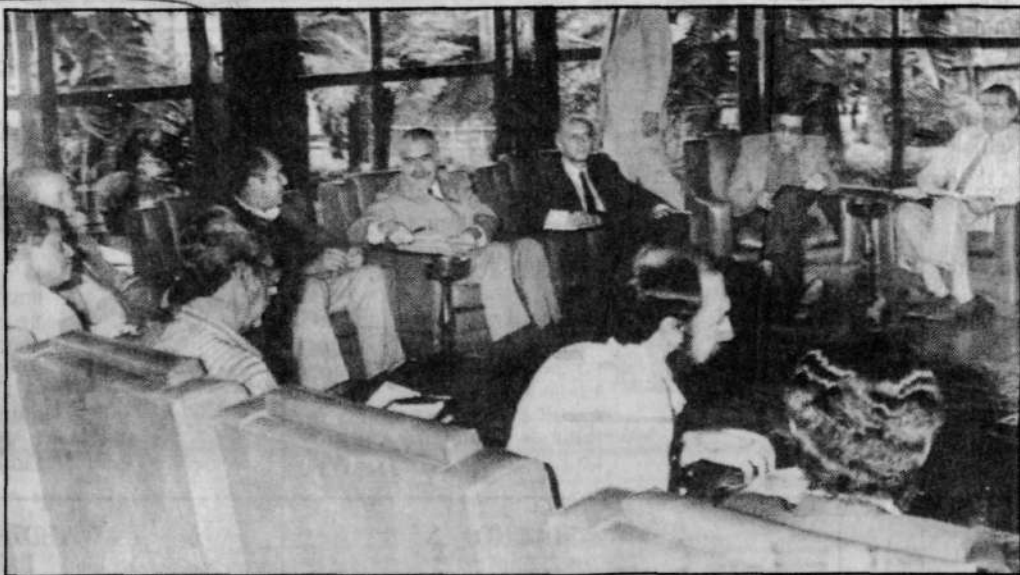
— Eu também estou decepcionado, porque as consequências psicológicas e econômicas não foram previstas com precisão — queixou-se o Presidente, depois de lembrar que ouvira dos sindicalistas relato de "muitas decepções" com as reformas feitas ao Plano Cruzado, segundo informou o Porta-Voz da Presidência, Frota Netto.

Segundo Frota, o Presidente deixou claro que, pelas explicações que recebera da área econômica, os ajustes "estavam sendo feitos apenas nos preços de ponta e não afetariam o nível de vida dos mais pobres".

— Infelizmente, o que se comprovou é que o efeito psicológico do aumento da gasolina é o verdadeiro índice de inflação do povo brasileiro — disse o Presidente, numa referência às consequências do aumento dos preços desse produto sobre bens e serviços de uso generalizado.

O Presidente, que durante várias horas ouviu exposições sobre salário e dívida externa, entre outros temas, afirmou que "comungava com muito do que havia sido dito".

— Como político, procurei durante minha vida inteira ser intérprete das aspirações sociais, mas agora, como homem de Governo, estou tentando



O Presidente revelou aos sindicalistas sua intenção de rever o pacto social

compatibilizar as aspirações com a realidade — disse Sarney.

Ele lembrou aos sindicalistas que "nenhum País atravessa momentos de mudança profunda sem grandes dificuldades e que numa reunião realizada no ano passado, também na Granja do Torto, havia previsto aos mesmos líderes as dificuldades por que passariam o Brasil e o Governo.

— Na ocasião, entendi que para diluir as dificuldades era necessário uma solução de consenso em que os diferentes segmentos da sociedade definissem uma agenda política, social e econômica, lembrando as frustradas negociações do Pacto Social.

Em seguida, o Presidente Sarney demonstrou seu interesse pela retomada do entendimento:

— Infelizmente não conseguimos que essa agenda consensual fosse concretizada, mas acredito que hoje, tendo ouvido dos senhores tantas vezes sobre a aspiração dos trabalhadores de participar da política econômica, talvez seja possível voltar a procurar esse consenso.

Sarney garantiu que, se essa reabertura acontecer, terá a participação de líderes dos trabalhadores que sejam representativos na formulação da política econômica.

— E eu não quero outra coisa — disse o Presidente — Se esse enten-

dimento for possível, vamos avançar muito.

O Presidente, ainda segundo Frota Netto, disse ter ficado muito satisfeito porque os sindicalistas não estavam discutindo apenas a política salarial, mas as questões econômicas em sua globalidade.

Sarney recordou que, desde o primeiro momento de seu Governo, anunciou sua opção pelo social e pelos mais pobres, enfatizando que isso não representou "apenas uma frase".

— Eu venho de uma região muito pobre, onde as relações entre o capital e o trabalho ainda não têm a complexidade dos grandes centros urbanos e onde a natureza dos problemas é mais social do que econômica. Por isso, procurei imprimir uma marca social ao meu Governo.

O Presidente afirmou ainda que os novos investimentos que estão sendo programados para a economia brasileira "são, sobretudo, sociais". Anunciou, porém, que não diria os valores desses investimentos, porque não reunira os sindicalistas "para fazer proselitismo".

Sarney considerou "muito importante" o relato feito por cada um dos líderes sindicais, "porque não se trata de manifestação isolada, mas da representação de milhares de liderados".

Críticas de Sarney atingem assessores de Funaro

BRASÍLIA — As críticas do Presidente José Sarney ao Plano Cruzado II, que elevou os preços de diversos itens, têm endereço certo: a dupla de economistas que assessoram o Ministro da Fazenda, Dílson Funaro, João Manoel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo. Por ocasião do Cruzado II, o então Ministro Sayad,

e os economistas Pérsio Arida e André Lara Resende, alertaram repetidas vezes o Presidente Sarney sobre as consequências inflacionárias dos aumentos de preço, que por uma questão psicológica agiriam sobre toda a economia. Cardoso de Mello e Belluzzo, no entanto, garantiram a Sarney que não haveria esse risco, sendo depois desmentidos pelos fa-

tos.

Coincidentemente, as críticas do Presidente ocorrem logo após o Ministro Funaro assumir a culpa pelo fracasso do Cruzado, isentando seus assessores e outros ministérios dos erros cometidos, confissão feita durante o debate no Congresso realizado com a bancada do PMDB.